



APRESENTAÇÃO: A ORDEM DE PALAVRAS NAS LÍNGUAS IBERORROMÂNICAS. UMA AGENDA DE PESQUISA

INTRODUCTION: WORD ORDER IN THE IBERO-ROMANCE
LANGUAGES. A RESEARCH AGENDA

Carlos Felipe Pinto¹
Editor do número

1 Línguas irmãs mas não tão parecidas assim

Um imaginário equivocado parece rondar o senso comum com relação às semelhanças e diferenças entre as línguas. As pessoas comuns (não linguistas) parecem acreditar que saber uma língua significa saber o significado das palavras e a sua pronúncia como se fosse possível uma substituição de itens de uma língua para a outra sem qualquer alteração na ordem de palavras e a manutenção do sentido. No caso do português e do espanhol, no Brasil acreditou-se durante algum (ou muito tempo) que aprender espanhol é fácil porque o brasileiro é falante de português e o que precisaria ser aprendido,

¹ Universidade Federal da Bahia. E-mail: cfpinto@ufba.br

então, seriam apenas os “falsos amigos” já que o português e o espanhol seriam línguas irmãs. O trabalho seminal de González (1994) mostrou, no entanto, que a história não é essa: embora as duas línguas compartilhem parte considerável do seu inventário fonológico e lexical, há diferenças estruturais que separam claramente as duas.

O argumento de que o português e o espanhol são línguas irmãs, que vieram da mesma origem (o latim) e que são mutuamente compreensíveis provoca na descrição e análise linguística alguns apagamentos históricos e estruturais, dos quais os cientistas da linguagem precisam se desfazer.

Do ponto de vista histórico, a percepção de que as línguas românicas vieram do latim e, portanto, são línguas parecidas, causa o apagamento de que as línguas românicas têm, todas, desenvolvimentos independentes, apesar de paralelos, e que a sociohistória de cada uma dessas línguas é única; ou seja, as relações locais de configuração social e histórica de cada língua românica é ímpar e essa individualidade social e histórica gera, conseqüentemente, uma individualização estrutural, especialmente após o século XVI, quando os estados nacionais parecem estar já consolidados, com fronteiras bem definidas e os contatos entre os povos já não são mais tão intensos quanto antes.

Do ponto de vista estrutural, essa percepção de semelhança e irmandade entre as línguas gera o apagamento do fato de que, mesmo que as línguas compartilhem grande parte do inventário fônico e lexical, a forma como organizam esse inventário pode não ser correspondente em duas ou mais línguas românicas. E mais: mesmo que a ordem de palavras seja correspondente, há inúmeros casos que mostram que a produção de sentido pode não ser a mesma.

Assim, o simples fato de as línguas românicas terem se originado do latim, hoje em dia, pode ser entendido apenas como um registro histórico que nada mais tem a dizer diretamente sobre a constituição atual dessas línguas no sentido de que se pode considerar que essa "irmandade" desencadeie automaticamente semelhanças entre elas. Esse registro histórico, no entanto, leva a interessantes considerações sobre as línguas românicas na atualidade que promovem uma rica agenda de pesquisa sobre essas línguas, sua diversidade e sua história.

2 Um exemplo concreto: a influência árabe na sintaxe das línguas românicas

Um exemplo dessa discussão foi trazido por mim em Pinto (2011). A posição do sujeito na oração tem sido um aspecto muito debatido das línguas românicas. Considerando os verbos intransitivos inergativos² e os verbos transitivos, algumas línguas possuem inversão do sujeito com o verbo livremente, outras possuem algumas restrições e outras não permitem mais a inversão do verbo com o sujeito.

Lapesa (1981), ao tratar dos aspectos morfossintáticos da influência árabe, diz:

El orden de palabras normal en la frase árabe y hebrea sitúa en primer lugar el verbo, en segundo el sujeto y a continuación los complementos. Como en español y en portugués el verbo precede al sujeto con más frecuencia que en otras lenguas romances, se ha apuntado la probabilidad de influjo semítico. La hipótesis necesitaría comprobarse con un estudio riguroso del orden de palabras español en sus distintas épocas y niveles, parangonado con el de las demás lenguas románicas, el árabe y el hebreo. Tal estudio no existe aún; las comparaciones parciales que hasta ahora se han hecho no son suficientes. (LAPESA, 1981, p. 151-152)

Meyer-Hermann (1988), motivado pela afirmação de Lapesa (1981) acima, faz um estudo comparativo de textos espanhóis e franceses³ de diversos tipos e épocas a fim de esclarecer a questão. O autor seleciona os seguintes tipos de textos:

I - Espanhol antigo:

- a) Dois textos produzidos sob domínio árabe
- b) Um texto produzido fora de domínio árabe

² É preciso fazer essa ressalva por duas razões. 1) a classe de verbos intransitivos é dividida em duas subclasses: a dos verbos inergativos, como “trabalhar”, “dançar”, “viajar”, e a dos verbos inacusativos, como “chegar”, “cair”, “morrer”, “crescer”. Essas duas classes de verbos têm comportamentos diferentes como se percebe no contraste de gramaticalidade entre “*Trabalhado João” e “Chegado João” ou “Trabalhou João” e “Chegou João”. Em ambas as classes de verbos, o sintagma nominal que aparece é classificado como sujeito. Porém, no caso dos verbos inergativos, o sujeito é um argumento externo e se comporta como o sujeitos dos verbos transitivos; no caso dos verbos inacusativos, o sujeito é um argumento interno e se comporta como os complementos dos verbos transitivos. Por essa razão, a inversão do sujeito com o verbo é possível em contextos cujo verbo é inacusativo. 2) com verbos copulativos a complexidade do fenômeno é ainda maior.

³ O autor escolhe o francês por ser a língua românica que aparentemente mais se distancia do português e do espanhol com relação à posição do sujeito.

II – Espanhol atual:

- a) Um texto oral (em forma de transcrição)
- b) Um texto escrito

III – Francês antigo

- a) Um texto escrito⁴

IV – Francês atual:

- a) Um texto oral (em forma de transcrição)
- b) Um texto escrito

A Tabela 1 a seguir mostra o resultado geral da posição do sujeito⁵:

Tabela 1: Resultado geral da posição do sujeito
Meyer-Hermann (1988, p. 87)

	Texto	Sujeito anteposto %	Sujeito posposto %
Espanhol	I(a-1)	38,8	61,2
	I(a-2)	35,4	64,6
	I(b)	37,8	62,2
	II(a)	28,1	71,9
	II(b)	63,0	37,0
Francês	III(a)	75,6	24,4
	IV(a)	94,4	5,6
	IV(b)	88,6	11,4

A Tabela 1 mostra claramente que o espanhol antigo e o texto oral do espanhol atual preferem sujeitos pospostos enquanto o texto escrito do espanhol atual e os textos franceses em todas as fases preferem sujeitos antepostos. Nota-se ainda um grande contraste entre os textos orais do espanhol e do francês: 71,9% de posposição no espanhol contra 5,6% de posposição no francês.

O autor acredita que esses resultados não são satisfatórios porque os sujeitos pronominais do francês não puderam estar sob influência árabe e refina

⁴ O texto selecionado é do mesmo gênero e da mesma época que os textos espanhóis analisados.

⁵ Para simplificar, adapto o título dos textos expressos na tabela do autor pela classificação que listei acima.

os resultados considerando apenas sintagmas nominais⁶, obtendo o resultado expresso na Tabela 2:

Tabela 2: Resultado da posição do sujeito nominal
Meyer-Hermann (1988, p. 87)

	Texto	Sujeito anteposto %	Sujeito posposto %
Espanhol	I(a-1)	71,0	29,0
	I(a-2)	60,9	39,1
	I(b)	69,0	31,0
	II(a)	58,5	41,5
	II(b)	83,8	16,2
Francês	III(a)	90,0	10,0
	IV(a)	88,0	12,0
	IV(b)	90,0	10,0

Os dados da Tabela 2, considerando apenas sujeitos nominais, mostram que em todos os momentos analisados, tanto no espanhol como no francês, a preferência era por sujeitos pré-verbais. Assim, Meyer-Hermann (1988) conclui que a ordem Verbo-Sujeito do espanhol atual não é decorrente de uma influência árabe. O autor endossa suas conclusões com o fato de que o francês antigo, ao contrário do atual, não apresentava restrições contextuais com relação à colocação do sujeito pós-verbal, comportando-se como o espanhol antigo.

Os resultados do autor merecem, no entanto, algumas considerações e uma reinterpretação considerando os fatos de sociohistória das duas línguas.

Primeiro, as línguas românicas antigas todas pareciam ter algum tipo de efeito V2, o que desencadeava a ordem V-S quando o primeiro elemento antes do verbo era outro constituinte qualquer diferente do sujeito (por exemplo, ADAMS, 1987 para o francês; FONTANA, 1993 para o espanhol; RIBEIRO, 1995 para o português). O francês, conseqüentemente, não apresentava restrições

⁶ De fato, parece haver uma diferença substancial no comportamento de pronomes e sintagmas nominais plenos com relação às possibilidades de ordenação conforme vem apontando a literatura gerativista. O espanhol atual apresenta a ordem Aux-S-V com sujeitos pronominais; porém não possui esta ordem com sujeitos nominais. Para melhor compreensão, ver Rizzi (1991), Lemieux e Dupuis (1995), Cardinaletti (2004), Belletti (2004), Ordóñez (2005) entre outros.

com relação à posição do sujeito pós-verbal devido à propriedade V2 existente naquele período (ver ADAMS, 1987a, 1987b; ARTEAGA, 1998 entre outros).

Em segundo lugar, chama atenção a diferente proporção entre a ordem V-S no francês e no espanhol antigos. Diversos trabalhos sobre o francês antigo (ARTEAGA, 1998; VANCE, DONALDSON, STEINER, 2009) mostram que (a) já havia opcionalidade na manifestação do efeito V2 e (b) as orações subordinadas fronteadas já não desencadeavam inversão V-S, oposto do que ocorre nas línguas germânicas atuais. Tais fatos podem indicar que a perda da inversão V-S no francês antigo pode ter sido iniciada juntamente com a perda de V2⁷. Efetivamente é isto que acontece no francês antigo segundo o debate que propôs Kroch (1989): quando o verbo deixa de se mover para CP, várias propriedades da língua são alteradas, entre elas a inversão V-S.

O terceiro comentário se refere às características da inversão V-S no espanhol antigo. Hornstein, Nunes e Grohmann (2005) mostram que no árabe padrão, por exemplo, quando se tem a ordem S-V, a concordância do sujeito com o verbo é obrigatória; por outro lado, quando se tem a ordem V-S, a concordância não acontece:

(1) Standard Arabic⁸

a. ?al-?awlaad-u naamuu.
the-children-NOM slept-3.PL.MASC
as crianças dormiram

b. Naama l-?awlaad-u.
slept-3.SG.MASC the-children-NOM
dormiu as crianças

(HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2005, p. 125)

Em Pinto (2011) mostrei que, no espanhol antigo, quando o sujeito está posposto ao verbo, tanto há casos sem concordância entre o sujeito e o verbo, como ilustrado em (2) como há casos com concordância como ilustrado em (3)

⁷ Além disso, o fato de que a ordem S-V seja mais produtiva do que a ordem V-S não é algo incompatível com a restrição V2. A *Minimal Link Condition* faz com que o sujeito seja o principal candidato a satisfazer a restrição V2. Um bom exemplo de língua V2 com alta porcentagem de sujeito em primeira posição é o africâner (cf. BIBERAUER, 2002).

⁸ As glosas em inglês são dos autores.

-
- (2) a. E esta carta **otorga** la abatíssima Sancha Garcíez, e la priora doña María Fortúnez e tod el convento.
- b. E esto **touo** el enperador & los otros por grant marauilla por quel leon non los comjo todos:
- c. la mesa para en que **comjese** ella y la enperatriz.
- d. & **pague** en cada anno a nos el dicho abad & prior & conuento diez maravedís por la dicha fiesta de Santo Martino para el dicho enauersario.
- (3) a. & **deuen yr** de cada casa sendos omes pora fer la fuessa.
- b. como agora **fezieron** el maestre don Pero Núñez, a qui nos fizimos tantas merçedes e bienes que los no podríamos poner en carta, e los freyres desta orden que se acordaron con él alçándosenos con la nuestra tierra

A falta de concordância nos exemplos em (2) não pode ser atribuída a uma falha do copista ou do editor tendo em vista o contraste entre os exemplos (2b) e (3b): o exemplo (3b) mostra que a morfologia da terceira pessoa do plural do *pretérito indefinido* era bem saliente para que fosse esquecida pelo copista ou pelo editor.

Entretanto, nada garante que as línguas árabes que chegaram à Península Ibérica no Século VIII se comportassem como o árabe padrão, como ilustrado em (1). Se hoje esse comportamento é encontrado no árabe, fica pendente de investigação se, em épocas remotas, a concordância entre sujeito e verbo se manifestava da mesma forma. Mas, por outro lado, nada garante tampouco que não seja assim. Fica pendente a investigação sobre o árabe antigo mas a questão está posta.

A partir da discussão acima, a hipótese que levantei em Pinto (2011) é que o que pode ser atribuído à influência árabe é a PERMANÊNCIA (e não a existência) da ordem V-S no espanhol atual já que (a) as línguas românicas antigas todas exibiam uma configuração V2 e (b) o português e o espanhol atual, línguas de regiões que receberam influência árabe, apresentam muito menos restrições com relação aos sujeitos pós-verbais que o catalão, o francês e o italiano⁹, línguas de regiões que não estiveram sob influência arábica. A

⁹ O português e o espanhol europeus possuem as ordens VSO e VOS. O catalão, segundo Ordóñez (1997) só possui a ordem VOS. Segundo Belletti (2004), o italiano só permite a ordem VS sem nenhum constituinte após o sujeito. O francês só possui a ordem VS em contextos muito restritos quando há um elemento desencadeador da inversão, na chamada

influência de uma língua A sobre uma língua B não se restringe ao fato de fazer com que um determinado fenômeno da língua A apareça na língua B. Mas, por outro lado, pode ser no sentido de manter na língua B (ou eliminar dela) um determinado fenômeno já existente nessa língua. Logo, é possível pensar na atribuição de uma influência árabe na MANUTENÇÃO da ordem V-S no espanhol atual¹⁰.

Fernández-Ordóñez (2009) faz uma análise de como Ramón Menéndez Pidal constrói sua narrativa sobre as origens do espanhol e mostra que sua obra tinha uma posição política, condicionada pela visão da Geração de 1898, que dava à Castela um lugar hegemônico, ignorando as demais variedades linguísticas, que tanto contribuíram para a história do espanhol. Isso é levado de maneira tão inquestionável pelos discípulos de Ramón Menéndez Pidal que, nos manuais de história do espanhol, os contatos de língua têm um papel pouco importante para além dos empréstimos lexicais, que são incontestáveis. A autora mostra que há uma necessidade de repensar a pesquisa histórica do espanhol e incluir nessa pesquisa os papéis desempenhados pelas demais línguas peninsulares e termina seu texto dizendo que é função dos linguistas e filólogos do século XXI fazer essa reparação.

A discussão acima ilustra como a pesquisa comparada sobre as línguas românicas pode ser frutífera para se entender os caminhos que cada língua tomou ao longo dos tempos e, assim, compreender as semelhanças e diferenças entre elas, considerando sempre suas particularidades sociohistóricas e seus desenvolvimentos independentes, principalmente quando se toma como referencial teórico os estudos sobre a noção de paramétrico desenvolvidos nos últimos anos da teoria gerativista aliando-o ao referencial teórico da sociolinguística histórica e dos contatos entre línguas.

inversão estilística (KAYNE e POLLOCK, 1978). Para um estudo comparativo da ordem de palavras em línguas românicas atuais ver Ordóñez (1997, 1999).

¹⁰ Ou seja, o francês tem uma queda considerável na ordem V-S quando perde o efeito V2. O espanhol, pelo contrário, não dispara nenhuma queda na ordem V-S quando perde o efeito V2 no Século XVI. Esse contraste pode ser explicado através do contato de línguas, no caso do espanhol, que fez com que, mesmo sem movimento do verbo para CP, a ordem V-S continuasse irrestrita e bastante produtiva.

3 Esta coletânea como produto de uma agenda de pesquisa em andamento

Diversas ações têm sido organizadas pontualmente por um grupo de pesquisadores sobre a ordem de palavras nas línguas românicas:

Em 2011, foi realizada, em Passau, no 18º Congreso de la Asociación Alemana de Hispanistas, uma sessão temática de "lingüística sincrónica y diacrónica del español" cujo tema foi "Escorados a la izquierda: dislocaciones y frontalizaciones del español antiguo al moderno" que culminou com a publicação de "Left Sentence Peripheries in Spanish. Diachronic, Variationist and Comparative Perspectives" (DUFTER e OCTAVIO DE TOLERO, 2014).

Em 2013, no XIV Coloquio Internacional de Lingüística Iberorrománica, em Montpellier, foi organizada uma sessão temática "El cambio tipológico en español y en otras variedades (ibero)románicas", que culminou com a publicação do livro "El orden de palabras en español y otras lenguas iberorromances" (LÓPEZ IZQUIERDO e CASTILLO LLUCH, 2015).

Em 2016, foi realizado na Universitat de Girona o workshop "El orden de palabras en las lenguas iberorrománicas medievales" com a participação de alguns dos pesquisadores cujos trabalhos foram publicados em López Izquierdo e Castillo Lluch (2015) e, dali, surgiu a ideia de se realizar outro Seminário sobre ordem de palavras nas línguas iberorromânicas na Universidade Federal da Bahia, em Salvador.

Organizei, então, entre os dias 31 de julho e 02 de agosto de 2017, o "Seminário internacional sobre a ordem de palavras nas línguas iberorromânicas", que contou com a participação de diversos pesquisadores do Brasil e do exterior para debater os diversos temas de investigação sobre a ordem de palavras nas línguas iberorromânicas. Participaram, nesse encontro, como convidados, os seguintes pesquisadores: Prof. Dr. André Luis Antonelli (Univ. Estadual de Maringá), Prof^ª. Dr^ª. Avellina Suñer Gratacós (Univ. de Girona), Prof^ª. Dr^ª. Edivalda Alves Araújo (Univ. Federal da Bahia), Prof. Dr. Francisco Ordóñez (Stony Brook University), Prof. Dr. Javier Enrique Elvira González (Univ. Autónoma de Madrid), Prof^ª. Dr^ª. Marta López Izquierdo (Univ. de Paris 8 Vincennes Saint-Denis), Prof^ª. Dr^ª. Michelle Sheehan (Anglia Ruskin University), Prof^ª. Dr^ª. Mónica Castillo Lluch (Univ. de Lausanne), Prof^ª. Dr^ª. Montserrat Batllori Dillet (Univ. de Girona), Prof. Dr. Rodrigo

Gutierrez Bravo (El Colegio de México), Prof^a. Dr^a. Sara Gómez Seibane (Univ. de La Rioja), Prof^a. Dr^a. Sonia Cyrino (Univ. Estadual de Campinas).

Este volume reúne oito dos muitos trabalhos apresentados no "Seminário internacional sobre a ordem de palavras nas línguas iberorromânicas", produzidos por doutores especialistas reconhecidos em suas áreas de investigação. Está dividido virtualmente em três partes: os cinco primeiros trabalhos discutem questões sobre a ordem de palavras no português, seja na atualidade ou em sua história; o trabalho seguinte discute a ordem de palavras no espanhol medieval; os dois últimos trabalhos fazem análises comparadas sobre a ordem de palavras nas línguas românicas, um em perspectiva histórica e outro em duas variedades do espanhol atual.

É preciso fazer alguns agradecimentos, porque sem as diversas colaborações que recebemos, o "Seminário internacional sobre a ordem de palavras nas línguas iberorromânicas" não teria acontecido. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Universidade Federal da Bahia e ao Instituto de Letras pela acolhida ao evento. Gostaria de agradecer aos diversos especialistas que dedicaram parte de seu precioso tempo para compartilhar conosco, seja presencialmente ou por vídeo conferência, suas pesquisas e seus conhecimentos produzindo, assim, um avanço na nossa área de conhecimento. Agradeço aos especialistas que atuaram na Comissão Científica avaliando os resumos e os trabalhos completos apresentados; os comentários são sempre muito enriquecedores. Agradeço também à CAPES e ao CNPq os auxílios financeiros outorgados para a realização do "Seminário internacional sobre a ordem de palavras nas línguas iberorromânicas", sem o qual teria sido impossível reunir pesquisadores de tão longe para a discussão do tema. Agradeço também aos editores da *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho e Prof. Dr. Domingos Savio Siqueira Pimentel, pela cessão de um número especial para a publicação dos artigos produzidos.

Por fim, gostaria de dedicar este volume à Prof^a. Dr^a. Ilza Ribeiro (*in memoriam*), pelo tanto que contribuiu para os estudos sobre a ordem de palavras no português, especialmente em perspectiva diacrônica, pela abertura de caminhos que proporcionou aos seus estudantes como docente da Universidade Federal da Bahia, pela sua dedicação sempre presente, entusiasmando a todos que se interessavam pelos estudos em sintaxe das línguas naturais. Sua ausência não pode deixar de ser percebida.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Marianne. *Old French, Null Subjects and Verb Second Phenomena*. 1987a. Ph.D. Dissertation, University of California.
- _____. From Old French to the Theory of Pro-Drop, *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 5, n. 1, p. 1-32, 1987b.
- ARTEAGA, Deborah. Sobre el V2 en el francés antiguo y la fuerza relativa de los rasgos sintácticos, *Thélème, Revista Complutense de Estudios Franceses*, n. 13, p. 171-184, 1998.
- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, Luigi (org.). *The structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structure*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 16-51.
- BIBERAUER, Theresa. Verb second in Afrikaans: Is this a unitary phenomenon?, *Stellenbosch Papers in Linguistics*, v. 34, p. 19-69, 2002.
- CARDINALETTI, Anna. Towards a Cartography of Subject Positions. In: RIZZI, Luigi (org.). *The structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structure*. v. 2. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 115-165.
- DUFTER, Andrea; OCTAVIO DE TOLERO, Álvaro. *Left Sentence Peripheries in Spanish*. Diachronic, Variationist and Comparative Perspectives. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. Los orígenes de la dialectología hispánica y Ramón Menéndez Pidal. In: VIEJO, Xulio (Org.). *Cien años de Filología Asturiana (1906-2006)*. Oviedo: Alvíoras & Trabe, 2009. p. 11-41.
- FONTANA, Josep María. *Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish*. 1993. Ph.D Dissertation, Universidade da Pensilvânia.
- GONZÁLEZ, Neide. *Cadê o pronome? O gato comeu*. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. 1994. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. *Understanding Minimalism*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005.
- KAYNE, Richard; POLLOCK, Jean Yves. Stylistic Inversion, Successive Cyclicity, and Move NP in French, *Linguistic Inquiry*, v. 9, p. 595-621, 1978.
- KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change, *Language Variation and Change*, v. 1, p. 199-244, 1989.
- LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. 9 ed. Madrid: Gredos, 1981;
- LEMIEUX, Monique; DUPUIS, Fernande. The locus of verb movement in the non-asymmetric languages: the caso of Middle French. In: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs). *Clause structure and language change*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 80-109.
- LÓPEZ IZQUIERDO, Marta; CASTILLO LLUCH, Mónica. *El orden de palabras em la historia del español y otras lenguas iberorromances*. Madrid: Visor Libros, 2015.
- MEYER-HERMANN, Reinhard. ¿Se debe la posposición del sujeto en el español a una influencia árabe?, *Revista de Filología Española*, v. LXVIII, p. 67-96, 1988.

ORDÓÑEZ, Francisco. Cartography of postverbal subjects in Spanish and Catalan. In: BAAUW, Sergio; DRIJKONINGEN, Frank; PINTO, Manuela (orgs.). *Romance Languages and Linguistic Theory*, 2005, p. 259-280.

_____. Focus and Subject Inversion in Romance. In: GUTIÉRREZ-REXACH, Javier; MARTÍNEZ-GIL, Fernando (orgs.). *Advances in Hispanic Linguistics*. Somerville: Cascadilla Press, 1999, p. 502-518.

_____. *Word Order and Clause Structure in Spanish and Other Romance Languages*. 1997. PhD Dissertation, City University of New York.

PINTO, Carlos Felipe. *Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol*. 2011. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Ilza. *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. 1995. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

RIZZI, Luigi. *Residual verb second and the Wh criterion*. 1991. Universidade de Geneva (citado do manuscrito).

VANCE, Bárbara; DONALDSON, Bryan; STEINER, Devan. *V2 Loss in Old French and Old Occitan: The Role of Fronted Clauses*. In: LINGUISTIC SYMPOSIUM ON ROMANCE LANGUAGES, 2009.